

## Oralidade na Literatura: a representação do *portunho* na poesia fronteiriça de Agustín R. Bisio<sup>1</sup>

Nádia Portela Lopes<sup>2</sup>

### Resumo

O ensaio pretende verificar os aspectos da linguagem oral representada na escrita poética do autor uruguaio, riverense, Agustín R. Bisio. Após apresentar uma visão sobre as características linguísticas do território fronteiriço brasileiro-uruguaio, faz-se um apanhado descritivo dos fenômenos linguísticos da região: o bilinguismo, a diglossia e os Dialectos Portugueses do Uruguai (DPU). Em seguida, são apresentados os pressupostos teóricos referentes à relação entre oralidade e literatura. A análise do *corpus* observa a ortografia, a variação fonética, a variação morfossintática e a oralidade nos poemas de Bisio. Ao final, considera-se a representação e a consolidação da linguagem popular por meio da literatura, ressaltando a relação entre a língua literária e a realidade falada na região.

**Palavras-chave:** *Oralidade; Dialectos Portugueses do Uruguai; Literatura Fronteiriça.*

### 1. A fronteira Brasil-Uruguai em perspectiva teórica

Fronteira é definida no imaginário social como linha que demarca os limites geográficos entre territórios, sugerindo, simbolicamente, um limite espacial que aparta, impermeabiliza e distingue. No caso Brasileiro-Uruguio, da cidade gaúcha de Santana do Livramento e sua vizinha uruguaia Rivera, porém, a linha divisória, simultaneamente, separa e une, representando mais um lugar de integração, permeabilidade e mistura.

---

<sup>1</sup>Este ensaio é resultado da pesquisa realizada para o Trabalho de Graduação Interdisciplinar (T.G.I.) do curso de Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup> Professora Titular de Ensino Fundamental II e Médio de Português da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo. É graduada em Letras, português e espanhol, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2009).

Essa região, de divisa dos dois municípios, tem sido caracterizada como um território peculiar, cultural e linguisticamente híbrido, na qual não há nenhum tipo de separação concreta, obstáculo geográfico ou alfandegário, que impeça o acesso da população de uma cidade à outra. Santana do Livramento e Rivera são separadas e ligadas por uma rua e pela “Praça Internacional”. Entre as duas cidades, Santana do Livramento e Rivera, a mistura e integração se dão não somente na geografia, na história e nos costumes, mas também nas famílias, pois muitos desfrutam de dupla cidadania; no comércio, que faz uso tanto do peso como do real; e nas empresas de ambas as cidades, já que muitos trabalham no outro país.

Conforme Meirelles (2006: 9), há algum tempo os carros tinham duas placas e podiam ter licença para circular nas duas cidades; as chamadas telefônicas entre as cidades são consideradas chamadas locais, não internacionais; em caso de emergência, os bombeiros das duas cidades trabalham juntos; e o jornal *A Platéia*, de Santana do Livramento, é bilíngue. Elementos, como esses, ora inusitados, fazem desse espaço um lugar específico, tornando-o conhecido como “fronteira da paz”.

Quanto às práticas linguísticas fronteiriças, reguladas pela presença concomitante do português e do espanhol, é sabido que os falantes se organizam cotidianamente em diversas situações e relações, como já vistas, num intercâmbio contínuo, que configura um espaço no qual as duas línguas, português e espanhol, não possuem os mesmos sentidos que têm como línguas nacionais, perpetuando a materialização de uma prática peculiar da fronteira, diferente das faladas no Brasil e no Uruguai.

A partir da historiografia oficial, é circunscrita uma longa história, regida pelas disputas entre as coroas portuguesa e espanhola pelos limites territoriais cisplatinos, antes mesmo de serem povoados, os quais se mantiveram indeterminados até meados do século XVIII. Desde então, com o contato do espanhol com o português na fronteira Brasil-Uruguai, tem-se a ocorrência de recíprocas influências, que se mantêm até os dias atuais.

Foi em 1851, com o Tratado de Limites, que foram estabelecidas as fronteiras definitivas. Sabe-se, que parte da população era brasileira, localizava-se no nordeste do país e que, com a última demarcação de limites, propriedades brasileiras tornaram-se do território uruguaio e, assim, muito dos brasileiros tiveram que aprender a falar o espanhol.

Assim, (BEHARES, 1985: 14) de 1870 a 1890, o espanhol começa a “expandir-se lentamente sobre la base lingüística portuguesa en el conocido juego que podríamos llamar, siguiendo la tradición terminológica, de sustrato<sup>3</sup>-superestrato<sup>4</sup>”.

De acordo com Elizaincín, Behares e Barrios (1987:38), em 1860, no primeiro censo populacional realizado no Uruguai, a população do país era de 200.000 habitantes, destes, 40.000 eram brasileiros, residentes ao nordeste do país.

Para conter a forte presença luso-brasileira na área limítrofe do Uruguai e manter o controle do Estado sobre a sociedade, foram adotadas medidas que proponham a uniformidade social e lingüística da nação, tais como: a fundação de cidades uruguaias em frente às brasileiras existentes na fronteira (Cuareim, atual Artigas; Villa Artigas, atual Rio Branco; e Villa Ceballos, atual Rivera); o envio de colonos uruguaios, italianos e de outras origens; e a fundação de escolas públicas com o ensino universal do espanhol, a fim de propagar a sedimentação do idioma nacional, por meio da obrigatoriedade do ensino do espanhol e o povoamento na fronteira.

A situação de contato dessas cidades fronteiriças, condicionadas ao largo do tempo pelos fatores sócio-históricos, tem proporcionado à Sociolingüística a realização de estudos e investigações sobre as características e a problemática lingüística dessa região.

O percurso dos estudos e pesquisas divulgados sobre as línguas em contato na fronteira é fundado pelo lingüista uruguio José Pedro Rona (1965), sucedido por Hensey (1972), Behares, 1985; Elizaincín, Behares & Barrios (1987); Carvalho (1998) e Gutiérrez Bottaro (2002), entre outros.

Conforme Sturza (2006:124), o estudo pioneiro de Rona (1965) funda uma linha de investigação que vem pondo sucessivamente em discussão a identificação e designação das práticas do cruzamento lingüístico, já designados como Dialeto Fronterizo, Portunhol, DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai), e Português do Uruguai, pelos estudos realizados.

Ademais dessas, diversas referências que têm sido utilizadas a fim de denominar a prática lingüística no território da fronteira brasileiro-uruguiaia, há ainda a maneira como os próprios falantes designam a sua variedade lingüística, como “carimbão”, “rompidioma”, “brasileiro”, “bayano”, “portunhol”, etc.

A escolha de *portunhol* para compor o título do presente estudo, designando a variedade lingüística a ser estudada, deu-se como uma demonstração do que consiste o

<sup>3</sup> Conforme Moreno (1998:259): “el influjo de una lengua perdida sobre otra que se ha impuesto”.

<sup>4</sup> Idem. Trata-se da influência da língua conquistadora sobre a língua conquistada.

objeto de investigação: o deslocamento do que é comum, oral, para um contexto dito formal, como é o escrito<sup>5</sup>.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987:14) adotam o uso do termo técnico DPU, sigla de *dialetos portugueses do Uruguai*, por ter “dialeto”, definido, pelos autores, como a forma de falar peculiar de uma zona determinada do território nacional, uma conotação mais neutra. Os estudiosos empregam *dialetos*, no plural, devido à concepção que têm do fenômeno como variável, e adjetivam *portugueses*, justificando a base portuguesa desses falares fronteiriços.

Segundo Trindade, Behares e Fonseca (apud GUTIÉRREZ BOTTARO, 1999: 8) a mescla linguística da região se produz a partir do contato de uma variante do português que coexiste e se mistura com o espanhol padrão na mesma comunidade:

os DPU constituem um conjunto de falares caracterizados pela variabilidade e instabilidade estrutural derivadas de dois fatos: - o afastamento do português padrão e, portanto, o desenvolvimento livre das tendências naturais do português falado; - o contato com o espanhol popular padrão, motivado, quanto ao espanhol padrão, pelo uso dessa língua nas escolas uruguaias.

Com isso, pode-se dizer que o bilinguismo na região fronteira brasileira-uruguia se estabelece com base em uma língua padrão (o espanhol) e um dialeto não padrão de base portuguesa (os DPU).

Nesse sentido, os DPU seriam um “dialeto bilíngue”, de acordo com a nomenclatura de E. Haugen, que se refere a “un sistema intermedio que surge como consecuencia de una situación de contacto” (Elizaincín, Behares e Barrios, 1987:20).

Dentre as diversas definições propostas a respeito desse termo, para este estudo, considera-se a definição proposta por U. Weinreich (1953, apud Appel e Muysken, 1996: 11), afirma que o bilinguismo é “la práctica de utilizar dos lenguas de forma alternativa”.

Além de bilíngue, Elizaincín (1976) afirma que a região fronteira apresenta outro fenômeno linguístico: a diglossia, cujo conceito foi inserido pelo lingüista Charles Ferguson (1959, apud TARALLO & ALKMIN, 1987:68), ampliado mais tarde por Fishman (1971, apud *ibid.*, 1987:69) de fenômeno que “inclui qualquer sociedade em que duas ou mais variedades são utilizadas em circunstâncias distintas e diferenciadas entre si”.

A partir das situações linguísticas apontadas pelo estudioso, constata-se que, a região fronteira, observada neste trabalho, corresponde a um espaço diglósico e

---

<sup>5</sup> A designação “portunhol” é a mais utilizada pelos próprios falantes da fronteira.

bilíngue, já que ali são utilizados o espanhol, correspondente a uma “variedade alta”, a língua oficial, cujo uso se dá em contextos formais (acadêmico, jurídico, religiosos, etc.); e os dialetos, considerados uma “variedade baixa”, utilizada em situações de comunicação espontânea informal e ordinária, entre familiares e entre amigos.

## 2. Considerações sobre a representação do oral na literatura

*A priori*, o estabelecimento de um vínculo entre linguística e literatura pode figurar como algo inusitado, improvável ou, até mesmo, insociável, como se a única aproximação possível fosse a de um paradoxo ou a constatação de mais uma “dicotomia”. De modo igual, dá-se com a ligação de oralidade e literatura.

Contudo, é sabido que a própria linguística, (PRETI, 1994:61-62) “em grande parte de sua história, se serviu de documentos escritos, na falta de corpus gravados, procurando, em cuidadosa seleção, encontrar o que de vivo neles existia” ajudando a reconstituir línguas que outrora eram faladas, “como o próprio latim vulgar, cuja fonte, entre outras, eram os documentos escritos que revelavam influência popular.”

A língua literária, com maior ou menor intensidade, manteve-se sempre ligada à realidade oral, sendo que nos diversos momentos históricos os escritores utilizaram-se, de forma menos ou mais intensa, da língua falada.

Na antiguidade, pode-se citar, como exemplo, as personagens das comédias de Aristóteles, na Grécia, e de Plauto, em Roma. Já na língua portuguesa, o exemplo remoto mais importante é Gil Vicente, que por meio de suas peças permite a reconstituição da língua do século XV, servindo às ciências da língua como documento para a reconstituição da evolução da língua.

No Brasil, as criações dramáticas de Anchieta, apesar de terem finalidades mais educativas e moralizadoras do que artísticas, de acordo com Dino Preti (1994: 63-64) foram os primeiros registros a se preocupar com “um problema realmente de ordem lingüística, na colônia: o bilinguismo. A utilização do tupi ao lado do português (e também castelhano) revela uma intenção comunicativa com o espectador nativo”.

Essa linguagem popular, que tem sido aproveitada por diversos literatos, em nenhum momento, se trata de “transcrição de língua falada”, conforme URBANO (2000:10), mas um recurso, que parece transformar fala em escrita literária, que busca transpor para o texto uma realidade oral.

Nessa perspectiva, estudiosos das áreas das ciências humanas e sociais têm examinado a língua falada, que convencionamos chamar de oralidade, “forma social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas de gêneros textuais fundados na realidade sonora” que “vai desde a realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2001:25) e a língua escrita, relacionando e estabelecendo comparações entre essas duas modalidades.

Até meados de 1960 as pesquisas linguísticas estavam centradas na modalidade escrita, apesar da fala ser a prática social mais comum na comunicação e interação diária. Desde então, os estudos têm se dedicado aos aspectos da língua e do texto oral, e, mais recentemente, ao modo de representação da oralidade na literatura.

Segundo Preti (1984:106), “o momento decisivo dessa ascensão da língua oral à categoria de literária” ocorreu há quase cem anos, com o fim de aproveitar os registros coloquiais para melhor compor e caracterizar suas personagens e o ambiente em que estas se inseriam.

A partir da década de 80, os estudos sobre a oralidade e escrita, que anteriormente tinham essas duas modalidades da língua como opostas, passam a analisá-las por outra perspectiva como um “conjunto de práticas sociais” (MARCUSCHI, 2001: 15). Atualmente, oralidade e escrita não são mais estudadas numa perspectiva da dicotomia, mas sim na perspectiva de *continuum* (MARCUSCHI, 2001; URBANO, 2000; BRIZ, 1998), visto que ambas interagem e se complementam.

Desse modo, a língua escrita pode incorporar fenômenos típicos da linguagem falada, o que confere àquela mais espontaneidade, já que esta apresenta naturalmente mais recursos expressivos. Sobre essa incorporação de aspectos orais à escrita, Alcoba (1999:22) acrescenta que “usar expresiones típicas del habla pueden muchas veces parecer pobreza vocabular, cuando en realidad es el empleo, en la lengua escrita, de la naturalidad de la lengua hablada”.

Vale mencionar que a princípio, a escrita literária tem sido comumente considerada uma variedade padrão, servindo de instancia da tradição linguística e modelo para o que se entende por “língua ideal”, fato que levaria a se cogitar a existência de uma linguagem literária padrão, correspondente ao que se espera de seu público com relação a uma prática moldada nos melhores modelos cultos, sendo referencial para o estudo e prescrição da norma oficial.

Teoricamente, a ideia de que o texto literário seria escrito por alguém que supostamente é representante dos melhores usuários da língua, pertencente a uma camada culturalmente superior, relaciona diretamente a obra literária com o que se considera uma norma culta, um ideal linguístico, o que permite a cristalização do preconceito arraigado de que o escritor deve “escrever bem”, deve ser o modelo, o padrão, e que sua linguagem deve representar de preferência o *dialeto culto* e, portanto, no *registro formal* (PRETI, 1984:95).

Uma das inovações recorrentes na literatura é a adoção de construções da língua falada diária, recriando realidades sociais e conseqüentemente, realidades linguísticas, transferindo para o texto, por exemplo, as variedades da língua.

Uma observação panorâmica afirma que essas incursões do oral pelos escritores remetem aos primórdios da literatura e que, em todas as épocas, a linguagem dos textos, com maior ou menor intensidade, na maioria ou não de seus autores, não se desvinculou da língua falada de seu tempo.

Dessa maneira, a linguagem da literatura não estaria desvinculada do momento cultural em que surge, mas oscilaria entre um nível culto, elaborado; e um falado, popular, dependendo do valor que estas expressões adquirem nas várias épocas históricas (PRETI 1984:103).

Além disso, cabe ressaltar que a língua não é apenas um instrumento de comunicação e interação humana, bem como a literatura não é somente um objeto de deleite: toda linguagem é concebida como uma prática de significação e cultura, sendo constituída a partir de aspectos sociais e históricos.

Dessa forma, a literatura pode exprimir certo aspecto da realidade, importando o que é externo como matéria, no caso o social, para conduzir a criação da estrutura interna do texto literário, que apresentaria dimensões e referências sociais. Por meio de um sistema simbólico e instrumentos expressivos é transmitida certa visão de mundo, representações individuais e sociais, que inscrevem valores e sentimentos particulares de um grupo.

No âmbito artístico, há inúmeras manifestações marcadas pelas mais diversas expressões do “popular”, como o que acontece com o portunhol, que tem sido cada vez mais representado na linguagem escrita de literaturas regionais.

Esse uso coloquial, ou seja, as variedades dialetais da fronteira entre Brasil e Uruguai, mais propriamente, são expressas, com mais ou menos freqüência, nas obras de diversos autores, tais como José Monegal, Eliseo Salvador Porta, Olyntho M. Simoes,

Taunay de Barros, Omar Arbiza, Lalo Mendoza, Mercedes Irigoyen, Pedro “Duca” Martins Marins, Juana de Ibarbourou, entre muitos outros que fizeram e fazem uso, em seus textos poéticos ou narrativos, de formas coloquiais presentes na fronteira.

A linguagem literária adotada por esses autores se constitui a partir da seleção de registros caracterizadores, que compõem a voz do sujeito lírico, narrador, ou personagem, com o intuito de (re)criar o que é e está situado cultural, linguística, social e geograficamente na fronteira, sugerindo e produzido diversos sentidos.

Dentre eles, talvez o mais conhecido, além dos limites nacionais, pela manipulação literária dessa linguagem fronteiriça, seja o uruguaio, mas não fronteiriço, Saúl Ibargoyen Islãs, criador de narrativas vinculadas à fronteira Rivera-Livramento, das quais se destacam, como uma versão da linguagem riverense, *La sangre interminable* (novela) 1982 e *Fronteras de Joaquín Coluna* (contos) 1975, em que através da forma prosaica, manifesta sua visão sobre a linguagem e a temática do cotidiano situado na fronteira. Entretanto, o autor riverense Agustín R. Bisio (1952), apesar pouquíssimo conhecido fora de sua terra natal, dentre os escritores pioneiros, seria o mais conhecido na fronteira uruguaia-brasileira, de acordo com a crítica literária, visto que, ninguém como ele “ha creado un estilo fronterizo único en el Uruguay” nem “ha cantado por boca de los hijos de este pueblo, sus problemas sentimentales” (ZAS RE CAREY, 1994:85).

Segundo o crítico uruguaio C. Zum Felde (LÓPEZ, 1993:54) revela que Bisio seria o criador de um novo gênero de poesia, a “poesia fronteriza”, ao difundir a cultura local, mesmo utilizando em muitos de seus poemas o mais perfeito espanhol. Bisio seria um representante da voz popular na literatura uruguaia, perpetuando, em sua poesia a fala das primeiras décadas do século XX na região, sendo seus textos um documento vivo, que mostram toda expressão e riqueza da linguagem fronteiriça.

Também é considerado o caráter nativista de seus poemas, porque neles são descritos os costumes e sentimentos do povo. Assim, como poesia nativista, os textos poéticos de Bisio, estruturados a partir da oralidade do campo, revelam marcas do cânone da poesia gauchesca, que reflete a vida do *gaucho*, da gente do campo, pois são escritos por um eu-lírico que tenta recriar a fala do habitante rural, representando-o; têm uma intenção política, de base linguística, que defende o uso do dialeto; são escritos a partir de um espaço popular, campestre, rural e de uma língua oral da região e incorporam as paisagens, a cultura, os costumes e o folclore fronteiriço rivense à literatura. Dessa forma,



Bisio, em sua poesia, vai além do ato de evocar aspectos da oralidade: com lirismo, recita uma fala popular, canta parte da cultura, ecoa o mundo próprio dessa região.

### 3. Análise da representação do oral na linguagem poética de Bisio

A partir dos poemas selecionados, “El virabosta”, “Isto ya non si agüenta”, “Benceduras” e “Va’ encomenzar el baile”, que fazem parte de seu livro *Brindis Agreste* (1947) e de *Os som de nossa terra* (1998), de Luis Ernesto Behares e Carlos Ernesto Díaz, serão analisados, conforme o quadro a seguir, os seguintes aspectos linguísticos da linguagem oral fronteiriça presente na poesia de Agustín R. Bisio:

**Quadro 1. Objetos de análise e aspectos analisados**

Objeto de análise	Aspectos Analisados
<b>Ortografia</b>	Peculiaridades da variante ágrafa
<b>Variação Fonética</b>	Trocas fonéticas das vogais <i>e~i/o~u</i> Reduções léxicas Adições léxicas Permuta <i>r~l</i> Trocas <i>f~j/b~g</i> Yeísmo
<b>Variação Morfossintática</b>	Preposições <i>en~in / de~di</i> Contrações <i>nu/no/nel/ pra/pa</i> Advérbios de negação <i>non/nom</i> Conjunção coordenativa aditiva <i>nin/nem</i>
<b>Oralidade</b>	Expressões típicas do oral Elementos suprasegmentais Expressões de situação

#### 3.1. Ortografia

Primeiramente, destaca-se a ortografia que o autor faz uso para transpor o dialeto, de um modo peculiar e rico, sobrepondo-se ante as demais referências do meio literário de sua época.

Segundo Behares e Díaz (1998:12) a ortografia presente nos textos escritos pelos autores em DPU diferem muito entre si, visto que os DPU não contam com uma ortografia convencional e como um fenômeno típico das línguas ágrafas quando passam a ser escritas, esta carência ortográfica própria, obriga a quem pretende expressar-se em DPU,

por meio da escrita, utilizar a ortografia do português, ou a do espanhol, ou alguma forma de que comprometa ambas.

Nos estudos já realizados com os dialetos falados na região, por exemplo, como o de Elizaincín, Behares e Barrios (1987:31), é feita uma representação gráfica aproximada à fonética do dialeto: “...qu’eu vi un asidenti fue u asidenti qui eu...eu via vindu du Brasil pur Uruguay, vinu comprá un ašogue...”<sup>6</sup>

De acordo com Azevedo (2003:26) “a uniformidade de uma ortografia normativa disfarça o fato de que a variação constitui um elemento fundamental de qualquer língua real”, isso porque a língua é concebida como um sistema de possibilidades, flexível às regras de combinação de seus elementos constitutivos, o que a torna variável. Por conseguinte a escrita alfabética seria imprecisa, na medida em que as letras representariam os sons apenas aproximadamente, sem certos elementos essenciais das variações.

Dessa forma, observa-se, a seguir, como Bisio, em sua poesia, que se vale da ortografia do português, do espanhol e da mescla de ambas, manifesta este dialeto.

### 3.2. Variação Fonética

A escrita tem como modelo padrão a variante culta da língua, mas quando é representada por outra variante lingüística, que não esta, como a linguagem popular, é elaborada a partir do caráter variável de suas próprias leis.

Nesse sentido, a representação de uma linguagem oral cotidiana em textos escritos, no que diz respeito as suas características fonética, pode buscar uma reprodução fiel, sem considerar as convenções e regras ortográficas, a fim de se aproximar e reforçar as formas de pronuncia populares.

A respeito do fenômeno da variação fonética, pôde-se notar e constatar nos textos analisados, primeiramente, o que os estudos realizados na região por Elizaincín, Behares e Barros (1987) revelam: que as variações mais presentes nos DPU e, por conseguinte presentes na ortografia apresentada pelos autores na produção artística, são as trocas fonéticas das vogais e~i / o~u como é visto nos poemas selecionados para este estudo. Abaixo alguns exemplos<sup>7</sup>:

1) (2:38) “!qu’isto ya non si agüenta...!”

<sup>6</sup> Depoimento de um falante fronteiriço reproduzido por Elizaincín, Behares e Barrios (1987).

<sup>7</sup> A indicação entre parênteses refere-se ao número correspondente ao nome poema e ao número do verso. A saber: 1-“El virabosta”, 2- “Isto ya non si agüenta”, 3- “Benceduras”, 4- “Va’encomenzar el baile”.

2) (2: 17) “Y, ?cuandu non hay clasia?...!!!”

3) (4:40) “*que <<nom si han de bailar bailes mudiernos,*”

4) (4:50) “*Liandro Menés? In fija tiene infermos...!*”

Como se sabe, os falantes de língua portuguesa tendem a pronunciar as vogais –o e –e como /u/ e /i/, enquanto os falantes de língua espanhola as mantêm abertas.

Observa-se nos textos analisados a presença de alterações de caráter fônico. A **redução léxica** é um dos fenômenos fonéticos presente nas produções estudadas. Trata-se de supressões no vocábulo. Dentre os tipos de redução léxica, são reconhecidos e demonstrados:

a) *Aférese*, queda do fonema inicial: “*porque la pinta stá hablando*” (1:12).

b) *Síncope*, supressão no interior do vocábulo: “*porque su casa es de famía*”(4:42).

c) *Apócope*, redução no final: “*¡Siempr’han d’ inventar algo*” (2:7).

d) *Elisão* supressão da vogal átona no final de uma palavra próxima à outra: “*la traza qu’el animal*” (3:29).

Outro fenômeno fonético localizado a partir dos estudos teóricos nos textos é o fenômeno da *adição léxica*, que consiste em adicionar, acrescentar fonemas, como exemplo, podemos citar: (4:88) “<<*Va’ encomenzar el baile, muchachada*”

Verifica-se também outra variação fonética recorrente nos textos em questão: a permuta das consoantes **r~l**, o *rotacismo*, fenômeno comum na linguagem popular, principalmente nas zonas rurais, na fala inculta do português. Exemplos: “Y *nu hai de fartar arguno*” (1:46); “*nin dinero qui arcance*” (2:5).

Assim, além de representar o dialeto fronteiriço, o autor representa também a linguagem gauchesca, o modo popular, falado pela população campestre, representado na poesia de Bisio. A mescla das variantes na poesia de Bisio também são reveladas por meio da troca das consoantes **f~j**, e **b~g** e o trema sobre a **ü**: “*¡juera di ahí, Muleke!>>*” (4:64); “-<<*Diz qui es gente muy güena...>>*”(4:73).

Também é identificado nos textos, marcando a variante do espanhol uruguaio, é o fenômeno do “*yeísmo*”, com o qual o autor não diferencia ortograficamente a letra **ll** da **y**, por exemplo: “*Las rodiyas, ¡nin hablo!*” (2:13); “*non yegase a mejorar*” (3:15); “*los perros, las gayinas, las lecheras...*” (4:69).

### 3.3. Variação Morfossintática

Somam-se a estes elementos da variação fonética-fonológica, as características morfossintáticas dos DPU, reveladas nos textos. Elizaincín (1987:48) e (1992:108) registra que as variações fonéticas mais regulares dos DPU se estabelecem, como explorado por esta análise, entre **e~i**, **o~u** e **m~n~Ø** (ausência de n/m). Sobre a variação **m~n**, a preposição **in** é um uso altamente típico. Alguns exemplos são: “*si van in el bolicho comprar argo,*” (2:22); “-<<*Tamién in esa casa todo es grande*” (4:67).

As variantes **de~di**, a primeira de base espanhola e a segunda de base portuguesa, também é representada no texto: “*mas, ¿para qué hai di procuparse?*” (1:43); “*¿Han di andar nél arroyo, pitanguiendo...*” (2:18).

No uso de contrações, das preposições mais artigos e advérbios de lugar, há a presença do modelo português. Segundo Elizaincín (1992:113) “estas son muy comunes en el portugués incluso, están codificadas en la lengua”. Conforme Elizaincín (1987:53) **nu/no** está atrelada ao modelo português. Já **nel** manifesta a clara descendência hispânica, visto que **nel** (*en+el*) não estaria fora da lógica fonética sintática do espanhol. Por exemplo: “*¿Han di andar nél arroyo, pitanguiendo*” (2:18); “*cerrando n’un redondel*” (3:27); “*y ya, n’un momentito, la arreglamos*” (4:37).

Emprega-se, também, a contração para+artigo em **pra**, variante do português, e **pa**, como variante do espanhol, com tendência ao uso conforme o português. Exemplos: “*pagale pa que se vaya.*” (1:36); “*pra combral’ apargatas...*” (2:6).

Apesar de pesquisas constatarem que os advérbios de negação e afirmação mais utilizados são os advérbios do português, em alguns casos, **não** alterna com a forma **non/nom**, oriunda das transferências do espanhol (GUTIÉRREZ BOTTARO: 2002): “*Pos, si non cura, alivía.*” (3:18); “*que <<nom si han de bailar bailes mudiernos,*” (4:39).

Destaca-se, ainda, o uso da conjunção coordenativa nas formas **nin/nem** frente a hispânica **ni**. Exemplos: “*Nin camisa que dure,*” (2:5) “*nem emvelheças,*” (3:5).

### 3.4. Oralidade

Além dessa expressão ortográfica do dialeto nos textos, percebe-se que os outros elementos ressaltam a oralidade que contribuem para o objetivo desse ensaio na medida em que transmitem a expressão oral na poesia.

Sobre a representação do discurso oral na obra literária, conforme Preti (1994:67) a ortografia nem sempre consegue expressar os signos. “Assim o autor poderia valer-se num texto de expressões típicas da língua oral, como:” *!total!*” (1:48); *!que se yo!*” (2:27); *!ya ‘stá!*” (3:13); *!solo arrastrando seda...!*” (4:75).

Pode-se notar ainda a adoção feita pelo autor dos **elementos supra-segmentais**, usados a fim de marcar a presença do dialeto ou do português em sua composição poética.

Conforme Dino Preti (1994: 66) os elementos supra-segmentais são “signos marginais à dupla articulação da linguagem, com significante e significados próprios e com valor essencialmente expressivo na mensagem”. A escrita de Bisio, para representá-los, recorre aos signos de pontuação como os de exclamação, interrogação, reticências e aspas, aos diacríticos, neste caso, o apóstrofe, que marca as elisões, típicas da linguagem falada; à repetição de vogais, aos espaços, aos recursos de tipo gráficos em negrito ou itálico, em caixa alta ou baixa, etc. Por exemplo: *Si al cabo del tercer día / non yegase a mejorar, se cura con “simpatía”, / escribiendo sobre el mal / y a l’ inversa: “!Ave María!” / Pos, si non cura, alivía. / y...!ya ‘stá!* (3:14-19).

No poema “*Va’ encomenzar el baile*”, especificamente, Bisio transmite ao leitor a expressão oral dos falantes da fronteira utilizando elementos que marcam a oralidade, como expressões de situação e o discurso direto introduzido por aspas de personagens.

De acordo com Preti (1994:67) as **expressões de situação** servem, por exemplo, para reatar diálogos que se interrompem ou introduzir argumentos e são muito importantes na língua oral, já que representam um papel essencial na comunicação e facilitam o contato entre os interlocutores, por exemplo: “-<<*Iscuchá, che Aniceto:*” (4:51); “-<<*Oique! Mirá las Pérez, solo arrastrando seda...!>>*” (4:75).

Assim, entre a letra e a voz de sua poesia, Bisio documenta a linguagem oral da comunidade a qual pertence, resgatando essa oralidade consciente de sua própria variante, valendo-se da linguagem convencional, padrão, culta, alternando-a com a falada, em termos populares, confirmando a ideia de Preti (1994:61), de que “a língua literária, com maior ou menor intensidade, não perde seu vínculo com a realidade falada”.

Com esse novo modo de fazer literatura, Bisio escreve - a partir de um espaço popular, campestre, da rua, da periferia e de uma língua oral da região - incorporando as paisagens e costumes fronteiriços na literatura, por isso, também tem sido considerado o caráter nativista de seus poemas, uma vez que neles são descritos os costumes e sentimentos do povo.

## Considerações finais

As produções do poeta riverense Agustín R. Bisio, utilizadas para analisar a linguagem fronteiriça, mostraram que o fenômeno da variação linguística existe e pode ser observado por meio de textos escritos; atesta sua importância para a sociolinguística e para a língua literária, já que, como mostra a poesia de Bisio, a língua literária, de uma maneira ou de outra, não tem perdido sua relação com a realidade da fala.

Com isso, pode-se constatar, conforme Behares e Díaz (1998: 10), que diferente do que afirmam a maioria dos estudiosos, o âmbito em que os DPU existem não é exclusivamente o da língua oral e dentro dela, nas situações cotidianas e familiares, mas também o das formas escritas, passíveis a formação de corpus literário dessas variedades, de autores já conhecidos e prestigiados, tais como o poeta Agustín R. Bisio e o narrador Saul Ibargoyen Islás, por exemplo, e de autores jovens, cujos textos revelam a progressiva penetração dos DPU.

A análise realizada permitiu observar que Bisio, em sua poesia, mescla as linguagens sociais, pois apresenta as duas variedades que são usadas na região fronteiriça: o espanhol padrão e o dialeto, os DPU. Como visto, o autor resgata essa oralidade e tem consciência de sua própria variante, utilizando uma linguagem convencional, dentro do padrão social culto, alternando-a como o dialeto falado, de uma linguagem com termos mais populares.

A análise fonética da poesia revela que o autor realiza uma transposição da língua falada, ou seja, representa as variações da língua oral através de uma ortografia fonética própria. A respeito dessa ortografia do dialeto, foi percebido como o autor elabora em sua produção as marcas da oralidade da fala fronteiriça, fazendo uso das alterações fonéticas e morfossintáticas, bem como da acentuação, de expressões típicas da linguagem oral e de elementos supra-segmentais, que conferem à leitura o ritmo, a entonação e as harmonias próprias da língua oral.

Ademais, o fato de Bisio ser um nativo, um habitante da região, o faz ter uma visão mais realista e convencional dos problemas fronteiriços, fazendo com que pudesse tratar de temas comuns e cotidianos, a diferença de autores ou leitores de outras regiões, para quem a fronteira está mitificada e estereotipada.

Conforme Reyes (1984: 193) conceber a literatura como um exemplo de língua culta prestigiosa é um erro, já que “la literatura es mucho más que eso, desde una perspectiva lingüística: la literatura es un experimento que supone un bien hablar, lo consolida y lo pervierte para inovarlo”. Nesse sentido, esse estudo permitiu, ainda, desmistificar a concepção de literatura como exemplo de língua culta prestigiosa, na medida em que, por meio de sua consciência lingüística, em seus poemas, o poeta riverense representa, apresenta e consolida uma variedade oral ágrafa, explorando a expressividade da linguagem popular de sua região.

Com isso, Bisio pôde evocar a literatura como um espaço em que se pode resgatar e avaliar elementos, como o modo de falar de uma sociedade, confirmando a hipótese de Reyes (1984:126) de que a linguagem literária é “un microcosmo que refleja un macrocosmo de la heteroglosia social”.

### Referências Bibliográficas

ALCOBA, S. (org.) *La oralización*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y Contacto de Lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996

AZEVEDO, M. M. *Vozes em Branco e Preto*. A representação literária da fala não-padrão. EDUSP: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BEHARES, L.; DÍAZ, C. *Os Sons de Nossa Terra*. Montevideo: Asociación de Universidades, Grupo Montevideo, Universidad de la República y UNESCO, 1998.

BISIO, R. A. *Brindis Agreste*. Montevideo: García & Cia, 2v, 1947-1955.

DE LÓPEZ, V. B. *Lenguaje fronterizo em obras de autores uruguayos*. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 2 ed., 1993.

ELIZAINCÍN, A. *Dialectos en contacto*. Español y portugués en España y América. Montevideo, Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro*. Dialectos portugueses en Uruguay. Montevidéo: Editorial Amesur, 1987.

GUTIÉRREZ BOTTARO, S. E. “*O entreberado, esa língua que inbentemo aqui*”: O contínuo lingüístico na região fronteira Brasil-Uruguai. Dissertação de Mestrado/ USP, 2002.

GUTIÉRREZ BOTTARO, S.E. “*O Empréstimo Léxico na Fala da Mulher na Região Fronteira Brasil- Uruguai*”. MONOGRAFIA/USP, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2002

MEIRELLES, V. A.G. *Aspectos Fonológicos do Contato Espanhol-Português em Sant'ana do Livramento-Rivera*. Dissertação de Mestrado/ UNB, 2006.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PRETI, D.(org.). *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sociolingüística: os níveis de fala*. São Paulo: EDUSP, 1994.

REYES, G. *Polifonia textual – la citación en el relato literário*. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

STURZA, E. *Línguas de Fronteira e Política de Línguas: uma História das Idéias Lingüísticas*. Tese de Doutorado/ UNICAMP, 2006.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. *Falares crioulos - línguas em contato*. São Paulo, Ática, 1987.



URBANO, H. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.

ZAS RE CAREY, H. *Agustín Bisio, 1894-1994*. Talleres Gráficos AMAUTA, Montevideo, 1994.